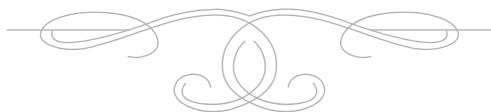




*Um*

C O R P O

N O G E L O





ARIEL  
LAWHON

*Um*  
CORPO  
NO GELO

TORDSILHAS

# Um corpo no gelo

Copyright © 2025 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2023 ARIEL LAWHON.

ISBN: 978-85-508-2486-4.

*Translated from original The frozen river. Copyright © 2023 by Ariel Lawhon. ISBN 978-0-38-554687-4. This edition is published and sold by Doubleday, a division of Penguin Random House, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Alaúde, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.*

*Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.*

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

L415c

1.ed. Lawhon, Ariel

Um corpo no gelo / Ariel Lawhon ; tradução Wendy Campos. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Tordesilhas, 2025. 400 p.; 15,7 x 23 cm.

Título original: The frozen river.

ISBN 978-85-508-2486-4

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana). I. Campos, Wendy. II. Título.

02-202576

CDD 813.6

### Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte americana 813.6  
Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecida na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo..

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutús

**Gerência Comercial:** Cláudio Lima

**Produtora Editorial:** Mariana Portugal

**Tradução:** Wendy Campos

**Copidesque:** Andresa Vidal

**Revisão:** Ellen Andrade

**Diagramação:** Vanessa S. Marine

**Capa:** Beatriz Frohe

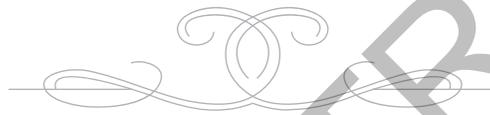
  
**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

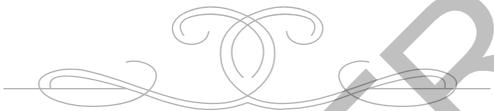
**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)





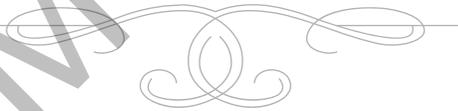
Minha mãe me ensinou que parteiras são heroínas.  
Minha irmã me permitiu testemunhar o milagre.  
Meu marido se sentou ao meu lado e segurou minha mão.  
Por essas e outras dez mil razões,  
este romance é dedicado a eles.

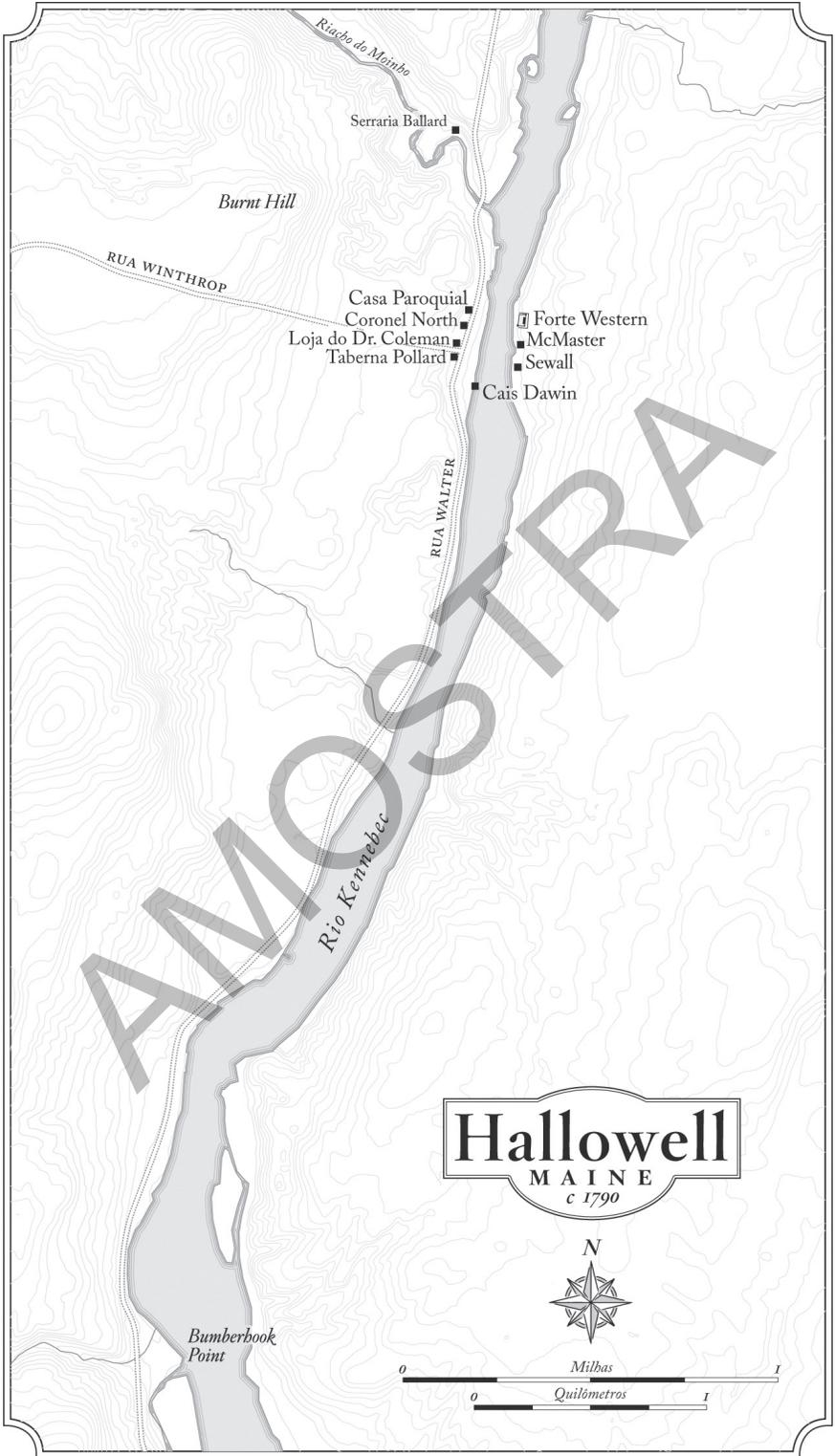




E *Ela* sabe, pois o alerta, e Seus instintos nunca falham,  
Que a Fêmea de Sua Espécie é mais mortífera que o Macho.

— Rudyard Kipling, *A Fêmea da Espécie*





*Riacho do Meinbo*

Serraria Ballard

*Burnt Hill*

RUA WINTHROP

Casa Paroquial  
Coronel North  
Loja do Dr. Coleman  
Taberna Pollard

Forte Western  
McMaster  
Sewall

Cais Dawin

RUA WALTER

*Rio Kennebec*

*Bumberbook Point*

**Hallowell**  
MAINE  
c 1790



AMOSTRA

1

# O ENFORCAMENTO

NOVEMBRO DE 1789



“É preciso que a verdade apareça; um crime não  
pode ficar por muito tempo encoberto.”

— WILLIAM SHAKESPEARE, *O Mercador de Veneza*

## O QUE É PASSADO É PRÓLOGO

O CORPO FLUTUA RIO ABAIXO. MAS É FINAL DE NOVEMBRO, E O RIO Kennebec começa a congelar, grandes pedaços de gelo rolam e rodopiam pela água, acumulando-se em bancos enquanto dedos translúcidos e gélidos se esticam das margens, avançando sobre a correnteza, agarrando tudo que passa. Pesado pelas roupas encharcadas e pelas botas de couro, o corpo do homem é arrastado pela suave correnteza, os olhos sem vida fixos na lua minguante.

É uma noite terrível, com um vento cortante e uma geada entorpecedora, e quanto mais devagar o rio flui, mais rápido congela, aprisionando o corpo em suas lentas garras, enquanto as pregas de sua camisa de linho rústica se abrem como as pétalas marrons de uma tulipa murcha. Há apenas uma hora, seu cabelo estava penteado para trás, amarrado com um pedaço de renda. Roubado de alguém, é claro, e *talvez* — o destino é algo muito frágil, afinal — ainda estivesse vivo se não fosse por essa escolha. Mas isso foi como jogar sal na ferida. Guerras foram travadas por bem menos.

O homem que foi morto estava com pressa de deixar este lugar, já estava em apuros demais, e se tivesse sido mais cuidadoso, mais paciente, teria ouvido seus agressores na floresta. Teria escutado. Teria se escondido. Prendido a respiração. E esperado que eles passassem. Mas o homem agora morto era imprudente e impaciente. Estava ofegante. Deixou pegadas na neve e não foi difícil encontrá-lo. Seu cabelo se soltou na luta, o pedaço de renda foi recuperado e guardado em um dos bolsos, o cabelo, agora marrom como a margem lamacenta de um rio, está um confuso emaranhado, parte colado na testa, parte na boca, para onde foi sugado em um último suspiro assustado antes de ser lançado no rio.

Seu corpo retorcido e quebrado é arrastado pela correnteza por mais quatrocentos metros, até o rio congelar e parar por completo, com um gemido cansado, aprisionando-o a quatro metros da margem, com o rosto centímetros abaixo da superfície, os lábios entreabertos, os olhos arregalados de surpresa.

A grande geada chegou um mês adiantada à cidade de Hallowell, no Maine, e — o morto não tinha como saber disso, assim como nenhum outro habitante da região — o degelo não virá por muitos e longos meses. Chamarão esta época de Ano do Longo Inverno e se tornará uma lenda, na qual aquele homem será um personagem importante. Mas, por enquanto, todos dormem seguros e aquecidos em suas camas, as portas fechadas firmemente contra um inverno precoce e cruel. Mas ali — ao longo da margem do rio, se olhar atentamente — algo escuro e ágil se move ao luar. Uma raposa. Desconfiada, ela coloca uma pata no gelo. Depois, a outra. Hesita, pois sabe como o rio é traiçoeiro, como anseia engolir e arrastar tudo para suas profundezas turbulentas. Mas o gelo resiste, e a raposa avança lentamente em direção ao morto. Ela rasteja até o corpo soterrado no gelo. A pequena e astuta criatura olha para o homem, inclinando a cabeça de lado, mas ele não retribui o olhar. Ela ergue o focinho para o céu. Fareja o ar por sinais de perigo. Sente o aroma pungente do gelo e dos pinheiros ao longo do rio e, mais longe, o leve cheiro de madeira queimada. Satisfeita, a raposa começa a uivar.

## FORJA CLARK

*Quinta-feira, 26 de novembro*

— NÃO PRECISA TER MEDO — DIGO A BETSY CLARK. — EM MEUS ANOS como parteira, nunca perdi uma mãe.

A jovem me encara com os olhos arregalados, suas têmporas banhadas em suor, e assente. Mas acho que não acredita em mim. Elas nunca acreditam. De fato, toda mulher em trabalho de parto suspeita que está prestes a morrer. É normal. E isso não me ofende. O parto é o momento de maior vulnerabilidade de uma mulher. Mas também é o auge de sua força. Como um animal ferido, encurralado e desesperado, ela enfrenta as dores do parto ora encolhendo-se, ora reagindo com agressividade. Esse processo de ter seu corpo virado do avesso deveria ser fatal. Pela lógica, ninguém deveria sobreviver a isso. E ainda assim, miraculosamente, elas sobrevivem repetidas vezes.

John Cowan — o jovem aprendiz de ferreiro que trabalha para o marido de Betsy, veio me buscar duas horas atrás, e eu lhe disse que não havia tempo a perder. Os filhos de Betsy chegam ao mundo em uma velocidade incomum e com um berreiro à altura. São *banshees* barulhentos, escorregadios e de rosto corado. Mas tão pequenos que, mesmo a termo, suas nádegas cabem na palma da minha mão. Criaturinhas minúsculas. John levou minhas instruções a sério, acelerando em um ritmo tão intenso que meu corpo ainda dói da nossa cavalgada frenética por Hallowell.

Mas agora, tendo acabado de chegar e ainda tentando me situar, descubro que o bebê já está coroadando. As contrações de Betsy estão com trinta segundos de intervalo. Essa criança, assim como as outras a quem ela deu à luz, está ansiosa para conhecer a mãe. Felizmente, Betsy tem o corpo propício para o parto.

— Chegou a hora — digo a ela, apoiando as mãos cálidas em seus joelhos. Afasto-os gentilmente, ajudando a jovem a levantar a camisola para expor o ventre. Está rígido, no auge de uma contração, e Betsy range os dentes, tentando não chorar.

No momento do parto, toda mulher é novata. Sempre parece ser a primeira vez, e a única experiência vem das pessoas reunidas para ajudá-la. Por isso Betsy arregimentou suas mulheres: a mãe, as irmãs, a prima, a tia. O nascimento é um ato comunitário, e todas elas entram em ação quando a determinação da mãe esmorece e ela grita de dor. Todas sabem o que isso significa. Mesmo aquelas sem uma função específica encontram algo para fazer. Fervem água. Cuidam do fogo. Dobram panos. Esse é o trabalho feminino em sua forma mais elementar. Homens não têm lugar nesta sala, nenhum *direito*, e o marido de Betsy se retirou para a forja, impotente, para descontar o medo e a frustração na bigorna, batendo em um pedaço de metal fundido até que ceda aos seus caprichos.

As mulheres de Betsy trabalham em sincronia, atentas e respondendo a cada sinal que dou. Estendo a mão, e um pano quente e úmido é colocado sobre ela. Mal termino de enxugar o último jato de sangue e água, o pano é retirado de minha mão e substituído por outro limpo. A mais jovem das parentes de Betsy — uma prima, com não mais do que 12 anos — é encarregada de lavar os panos sujos, manter a chaleira fervendo e reabastecer o balde de lavagem. Ela se dedica à tarefa sem pestanejar ou reclamar.

— Seu bebê está chegando — digo, com a mão sobre a cabeça escorregadia e quente. — Careca como um ovo. Assim como os outros.

Betsy levanta o queixo e fala com uma careta enquanto a contração afrouxa a pressão.

— Isso significa que é outra menina?

— Isso não significa nada. — Mantenho o olhar firme e a mão suave sobre a pequena cabeça que está se projetando em minhas mãos.

— Charles quer um menino — diz ela, ofegante.

*Charles não tem querer*, penso.

Mais uma onda de dor percorre o corpo de Betsy, e suas irmãs se aproximam para levantar e segurar suas pernas para trás.

— Quero que faça força depois do três — instruo. — Um. Dois, Três. — Observo a contração de Betsy se intensificar e seu abdômen contrair. — *Agora*.

Ela prende a respiração, faz força, e mais alguns centímetros da cabeça careca são revelados, as pontas das pequenas orelhas emergindo das entranhas da mãe. Betsy não tem tempo para recuperar o fôlego antes que a próxima onda a atinja, e elas continuam vindo, implacáveis, uma após a outra, sem afrouxar a pressão sobre o útero. Betsy faz força. Ofega por ar. Empurra mais uma vez. De novo e de novo. Alguém enxuga o suor de sua testa, as lágrimas de suas bochechas, mas eu não desvio o olhar. Finalmente, a cabecinha se liberta.

Eu movo minha mão para frente, amparando uma bochecha e uma minúscula orelha com a palma da mão.

— Os ombros agora. Só mais dois empurrões.

No entanto, Betsy está pronta para acabar com isso de uma vez, reúne o restante de sua força e empurra a criança diretamente em minhas mãos. Então ela desaba de volta na cama enquanto o bebê é libertado de seu corpo em um *ploft*, a única conexão entre eles é um cordão prateado e escorregadio.

Um choro estridente e indignado preenche o quarto, mas as mulheres de Betsy não comemoram nem aplaudem. Apenas observam, em silêncio, à espera do meu pronunciamento.

— Olá, pequenina — sussurro, e então seguro a bebê para que Betsy a veja. — Você tem mais uma filha.

— Ah — diz ela, decepcionada e se apoia nos cotovelos para ver a criança.

Ainda há trabalho a ser feito, e eu cumpro minha lista de tarefas com esmero. Coloco a menininha na cama entre as pernas de sua mãe e corto o cordão umbilical com minha tesoura. Uma vez que esse elo primordial é cortado, eu o amarro com um pedaço de barbante. Em seguida, mergulho as mãos em um balde de água para limpá-las e passo o polegar sobre o céu da boca da bebê. Sem fenda palatina. Outro pequeno milagre que eu registro mentalmente durante qualquer parto bem-sucedido. Limpo o sangue e o vérnix caseoso da escorregadia recém-nascida, sem deixar de observar Betsy em busca de sinais de sangramento excessivo. Nada parece fora do comum.

As mulheres de Betsy puxam seu cabelo para trás, lavam seu rosto, oferecem-lhe um chá morno. Elas a ajudam a se sentar e a vestir uma camisola limpa. Preparam-na para amamentar.

— Veja só como você é bonita! — digo à bebê, depois acrescento: — Veja como você é *amada*.

E rezo a Deus para que seja verdade.

Charles Clark está tão desesperado por um menino — esta é a terceira criança do casal em quatro anos — que sua determinação pode acabar matando a esposa se ele não tiver cuidado. Quanto a Betsy, ela está desesperada para agradar o marido e nunca lhe negará nada.

Tudo parece bem com mãe e filha, então enrolo a bebê numa manta limpa de linho macio e a entrego a Betsy. Ela coloca o pacotinho em seu seio e sibila enquanto a bebê agarra seu mamilo. Isso faz com que seu abdômen se contraia mais uma vez, expulsando a placenta. Até isso me fascina, e eu examino os restos do parto em busca de irregularidades, certificando-me de que a placenta

está intacta, que nada foi deixado para trás. Também está normal, e eu descarto os resíduos no balde aos meus pés.

— Tenho mais uma coisa a fazer — aviso.

Betsy assente. Ela já passou por isso antes.

— Aguarde firme. Serão só alguns segundos. Mas pode doer.

— Vá em frente.

Massageio o abdômen de Betsy, rolando a palma da minha mão de um lado para outro, ajudando o útero a se contrair. Ela faz careta, mas não grita, e então não resta mais nada a fazer além de ela amamentar a criança.

— Como você vai chamá-la? — pergunto.

— Mary.

*Um nome que significa “amarga”, penso, mas ofereço à jovem mãe um sorriso de aprovação porque é o esperado.*

As mulheres trabalham em conjunto para limpar Betsy e envolver sua virilha em panos limpos e secos, que serão trocados pelas cuidadoras a cada hora nos próximos dias.

São 04h30 — faltam algumas horas para o amanhecer — e as mulheres se dispersam para limpar o resto da bagunça e, depois, dormir o quanto puderem. Elas virão em turnos para cuidar de Betsy e de suas filhas ao longo da próxima semana. Será o único período de descanso que a esposa do jovem ferreiro terá.

Tiro meu avental sujo e lavo as mãos novamente, depois prendo as mechas de cabelo soltas antes de me sentar na beira da cama e beber uma xícara de chá — agora frio — que me deram quando cheguei. Por vários minutos, observo mãe e filha.

— Devo avisar Charles que está tudo bem? — pergunto.

— Sim — responde Betsy —, mas não me conte se ele ficar zangado.

— Ele não tem o *direito* de ficar zangado. Você deu uma linda criança a ele.

— Isso não quer dizer que ele não tem o *direito* de sentir raiva.

Respiro fundo, tentando me acalmar antes de tranquilizá-la.

— Não se preocupe com Charles. Deixe ele comigo. Aproveite sua filha.

Os Clarks vivem em um pequeno chalé adjacente à única forja em três condados. É uma curta caminhada, mas visto minha capa de montaria mesmo assim. O ar gélido me atinge como um tapa, surpreendendo-me depois do calor quase opressivo dentro da sala de parto. Minhas narinas ardem a cada inspiração. A noite está clara e limpa, a Lua imponente e as estrelas a brilhar contra o manto escuro do céu.

Não me dou ao trabalho de bater na porta da forja — Charles não me ouviria com o barulho das marteladas, de qualquer maneira —, apenas a empurro sem anunciar minha presença. O marido de Betsy anda de um lado